Eu conseguia ouvir algum tipo de som de aplausos, mas não era das minhas mãos. As cortinas estavam fechadas, e ainda assim eu já podia ver a luz brilhando pela janela. Em um piscar de olhos, a noite havia se transformado em manhã... e meu corpo se sentia leve como uma pluma. Bem, eu geralmente não tinha dificuldades para acordar pela manhã, mas por que eu me sentia tão *bem*?

Eu abri as cortinas de uma vez só — e o que vi me tirou o fôlego.

O sol nascente iluminava os telhados e as árvores, suavizando todas as bordas afiadas com o brilho quente e suave da manhã. Nunca antes a luz do sol havia parecido tão mágica. Tudo o que era necessário era uma pequena mudança de mentalidade para transformar o mundo inteiro... Espera, não. Minha mentalidade era o meu mundo inteiro.

Essas eram coisas que eu havia lido em algum livro, mas só agora tudo fez sentido.

Quando pulei da cama, parecia que eu estava andando nas nuvens — elásticas como um trampolim, mas instáveis. Eu mal podia sentir o tapete sob os meus pés. Eu andava de um lado para o outro pelo quarto, minha mente desfocada, incapaz de pensar em um objetivo. *O que eu faço primeiro?* Continuava vagando, distraída por todas as possibilidades que surgiam. Sentia que meu cérebro poderia desligar completamente se eu não tivesse cuidado.

Eventualmente, eu me sentei no centro do meu quarto e puxei um dicionário.

“C... Ca... Cas...”

Eu soava como um pombo.

Casal: duas pessoas que são casadas, noivas ou de alguma forma envolvidas romanticamente.

Namoro: duas pessoas em um relacionamento íntimo.

Namorada: uma companheira regular do sexo feminino com quem uma pessoa tem um relacionamento romântico.

Fechei o livro com raiva e caí no chão. Meu peito doía tanto que eu não conseguia respirar. Meu plexo solar estava apertado, e meus membros estavam pesados pela falta de oxigênio. Eu sabia que precisava preencher meus pulmões, mas quando abri a boca, o ar entupiu minha garganta em uma massa única que me sufocou ainda mais. Enterrei meu rosto no tapete e tossi.

Depois de me contorcer por um tempo, rolei de costas e agarrei meu peito. Minha pele estava queimando cada vez mais, como se estivesse sendo cozida ao sol de verão. Então meu pescoço ficou rosado, e meu coração começou a

acelerar, trazendo consigo náusea e dor de cabeça. Ainda assim, eu não me importava muito. De certa forma, era revigorante. Todas essas diferentes mazelas estavam me trazendo à vida.

Enquanto minha mente girava como um carrossel, finalmente recuperei um pedaço de compostura: *Ok, vamos apenas nos acalmar por um minuto.* Por que eu estava surtando? Eu não estava suada quando acordei, então por que minha camisa estava encharcada? Respirei fundo, passei os dedos pelos meus cabelos completamente aquecidos e refiz meus passos o mais calmamente possível.

Agora, é de manhã... e antes era noite... Ugh, já estou falando coisas sem sentido! Cocei minha cabeça. *Na noite passada... eu fui a um festival com a Shimamura, e, ah... agora é o dia seguinte.*

Só se passaram dez horas desde então, mas as memórias pareciam tão distantes quanto fogos de artifício no céu noturno. Os detalhes estavam tão embaçados que eu estava começando a me preocupar se tudo não tinha sido só um sonho. Eu nem lembrava *como tinha voltado para casa* na noite passada. Tudo o que aconteceu depois que a Shimamura disse sim foi um borrão — assim como eu só conseguia lembrar das partes boas dos meus sonhos. Eu me lembrava dela pegando minha mão e me levando para casa, e tinha certeza de que conversamos sobre algo, mas não conseguia lembrar o que ela me disse ou como eu respondi. Normalmente, eu lembrava de *tudo* sobre a Shimamura, então devia estar em um estado bem ruim.

Sim, foi uma noite de tirar o fôlego. Primeiro, eu disse para a Shimamura que a amava. Ela me perguntou o que eu queria dela. Aí as coisas foram acontecendo, e decidimos nos tornar namoradas.

Bati minhas mãos nas bochechas. Eu estava inquieta demais para ficar parada; meus dedos dos pés estavam se mexendo como se tivessem a intenção de sair correndo sem mim. Francamente, qualquer um no meu lugar que conseguisse se manter calmo provavelmente seria um psicopata. O quarto inteiro estava girando.

Ser namorada da Shimamura era provavelmente — *definitivamente* — a prova de que eu era especial. Isso era o que mais significava para mim. Nós éramos vitais e insubstituíveis uma para a outra... certo? Imediatamente, comecei a me questionar. Por algum motivo, me senti vagamente desconfortável, como se ainda estivesse sonhando. O dia tinha começado, o sol já estava lá fora, mas minha cabeça ainda estava presa ao brilho hipnótico das lanternas da noite anterior.

Então, me perguntei: *O que eu faço agora?* Eu podia ouvir meus ossos batendo dentro de mim, e demorou alguns minutos até que eu encontrasse a resposta, que era muito óbvia: *Só resolver um problema de cada vez. Primeiro, vamos garantir que não foi um sonho.*

Peguei meu celular, abri minha agenda quase vazia e localizei o número da Shimamura. Só de ver o nome dela, minhas palmas começaram a suar. Então, o medo e a excitação se misturaram de uma vez, brigando pela liderança até meu estômago começar a doer. Se eu tivesse o bom senso de esperar até que esses sentimentos passassem, talvez eu pudesse me poupar de um pouco de vergonha no dia a dia — mas, claro, nunca tive tempo para isso.

Demorou um pouco até que a Shimamura atendesse, mas então ela finalmente pegou o telefone.

"...Nn... Alô?"

A animação na voz dela parecia a de alguém esperando na fila do banco. Instintivamente, eu me endireitei — e acabei recebendo uma cãibra no processo. Então, minha confiança despencou, e eu me encolhi de novo. "Oi, é... bom dia." Minha garganta já estava em chamas.

"Oh, oi, Adachi... O que foi?"

Ela ainda parecia meio dormindo. Eu sabia que ela não era do tipo matutina, mas sério? Então olhei para o relógio e percebi que eram só 6 da manhã. Qualquer pessoa estaria com sono! Agora comecei a me sentir mal por ter ligado sem pensar. Um suor frio escorreu pelas minhas costas. "Desculpa, é... você estava dormindo, né?"

"Mmhm... caindo de sono..."

As respostas dela estavam ficando mais fracas a cada segundo. Se eu demorasse muito, as chances de ela adormecer de novo eram altas. "Devo... te ligar mais tarde? Eu deveria, né?"

"Não, tá tudo bem... Precisa de alguma coisa?"

Ela parecia a Shimamura de sempre. E eu era a mesma de sempre — entrando em pânico e tropeçando em palavras. *Espera, o quê? Então... nada mudou?* Perceber isso me acalmou um pouco. Eu só precisava tentar dar o meu melhor, como de costume. *Sinceramente, é um milagre eu ter chegado até aqui sem a menor tranquilidade.*

"Escuta, é..."

"Sim?"

Eu tinha tantas perguntas que queria fazer: *Como eu cheguei em casa ontem à noite? Eu tive um colapso mental? Eu estava consciente?* Mas, no fundo, todas

elas levavam à pergunta mais importante de todas, então decidi começar por essa.

Engolindo seco, apertei o telefone. Se fosse tudo um sonho, eu ia passar a maior vergonha possível, tipo um "trauma de vida". Era como andar à beira de um penhasco.

"Nós e...e... estamos... namorando agora... né?" perguntei, minha voz falhando. E então comecei a soluçar também. *O trauma de vida tava a caminho!*

"Uhhh... Acho que sim."

Como você consegue agir tão casualmente em uma situação dessas?! Reflexivamente, bati as pernas contra o chão. "Então... é... ontem à noite..."

"Sim, desde ontem à noite," ela respondeu, com a leveza de um balão de festa.

Não era um sonho. Tudo o que aconteceu ontem havia levado até hoje. Abaixei a cabeça, agradecendo à minha versão passada por cada pequeno passo que ela deu para me trazer até aqui. "Bom, eu... estou ansiosa quanto ao nosso relacionamento."

"Uhum. Eu também." Consegui ouvir o som do cabelo dela se mexendo do outro lado da linha.

Talvez fosse pedir demais, já que ela estava com tanto sono, mas... eu estava... meio que esperando que ela estivesse um pouco mais animada com isso... *Não, se eu quero algo, preciso me expor e ir atrás disso!*

"Eu... Eu te amo muito, então... é..." Eu não consegui pensar em uma maneira inteligente de começar, então acabei dizendo direto. Nessas horas, ficava claro o quanto eu era inexperiente. Mas a culpa era minha.

"Ah, uau... Nossa... Obrigada."

As longas pausas dela me fizeram corar até as orelhas. Então a conversa morreu. Como sempre, eu não sabia mais o que dizer. Em vez disso, me afoguei no calor e no silêncio.

"Bem, é... acho que vou indo," gaguejei.

"Tá."

"É... durma bem?" Isso não era algo que eu geralmente dizia às 6 da manhã.

"Eu vou, sim..."

Eu podia ouvir a voz dela se afastando. Nosso relacionamento tinha mudado, e ainda assim, nenhuma de nós parecia diferente ao telefone. Isso era normal? Eu não tinha certeza.

Mas então… a respiração dela voltou ao meu ouvido.

“Eu também te amo.”

E então ela desligou.

“…O quê?”

O QUÊ?!

Gotas quentes começaram a se formar por todo o meu rosto. Eu sentia um buraco no meu peito, como se minha alma tivesse sido deslocada; enquanto isso, meu pescoço parecia estar entupido. Pouco a pouco, essa emoção tomou conta de cada parte de mim.

Então eu me levantei, rastejando pelo chão com os cotovelos e joelhos, agarrando meu rosto que queimava e se contorcia de vergonha enquanto as

palavras se repetiam na minha cabeça, sem parar. Era como se eu tivesse engolido algo tóxico, e eu não estava em condição de pensar direito. Em vez disso, pressionei os dedos contra os olhos e aguentei, quieta.

Mas logo atingi meu ponto de ruptura.

Meu Deus, ela... ela só... ADSDHGKLGSKD!!!

“Queeeee… O queeeeEEEEE! BWAAAHH! Buh-buh-buh-buh-buh!”

Mexi os braços e pernas feito uma mosca agonizando.

***

Naquela manhã de meados de agosto, o zumbido das cigarras começou a diminuir… e uma criatura diferente surgiu em seu lugar. Isso marcou o começo de muitos dias sonhadores que estavam por vir.

***

Quando acordei novamente, segurando a cabeça, me perguntei se talvez a conversa no telefone também tivesse sido um sonho. Sempre que coisas boas aconteciam comigo, isso me deixava nervosa, porque eu sabia que a vida real não era assim. A vida real não perdoa.

Mas, pensando bem, talvez eu estivesse um pouco errada. Talvez a vida real não fosse *impiedosa* — só fosse indiferente às nossas lutas individuais. A vida real era tudo o que nos cercava: o ambiente em que vivíamos, o ar que respirávamos, nossos relacionamentos interpessoais e todas as extremidades da galáxia... Quando parei para pensar, nada disso estava diretamente conectado a uma única pessoa.

Assim, a vida real não se importava conosco. Ela não nos atacava, nem nos ajudava; as coisas simplesmente *aconteciam*, e, quer cada lançamento de dado fosse um 6 ou um 1, ninguém estava no controle. Não havia razão para tremer de medo, esperando que algo pior acontecesse. Mas, é claro, por outro lado, isso significava que nada me salvaria de uma sequência de eventos desfavoráveis também.

"Mas...!"

Me sentei de pernas cruzadas no chão e comecei a balançar de um lado para o outro. Nenhuma quantidade de reflexão filosófica iria aliviar minhas preocupações imediatas. Será que eu deveria ligar para ela no intervalo do almoço e pedir para confirmar o que ela disse? Bati com a mão na testa e no cabelo. Por que eu sempre me agredia assim quando me sentia envergonhada?

E outra coisa: por que eu sempre era tão... tão molenga quando falava com a Shimamura? Eu costumava ser capaz de falar o que pensava, então o que aconteceu? Encolhi os joelhos contra o peito e fiquei refletindo sobre isso. Se crescer de alguma forma me deixou menos capaz do que antes, então eu não estava crescendo da maneira certa — ou, pelo menos, foi o que uma pessoa sábia disse uma vez. Por outro lado, eu também não era exatamente a criança mais capaz.

Eu só estou desesperada para que a Shimamura me ame, pensei com um suspiro.
Foi por isso que eu passava tanto tempo escolhendo cuidadosamente as palavras, enquanto no passado falava sem medo e com liberdade. Pensando bem, eu costumava ser uma boa comunicadora. *Bem, será que eu deveria tentar falar sem filtro?* Perguntei a mim mesma, como uma idiota. Aí meu cérebro respondeu: *Isso simplesmente não é possível. Ela é a única pessoa que eu não quero machucar.*

Relacionamentos são complicados. Principalmente quando você está emocionalmente envolvida.

Encostei o rosto nos joelhos e fiquei perdida em meus pensamentos. Eu tinha conquistado o desejo mais profundo do meu coração, e agora estava tentando sentir isso, tentando encontrar a linha entre sonho e realidade. Quando tudo realmente fizesse sentido, eu provavelmente começaria a correr feito uma galinha sem cabeça. *Sério, não dá para eu me manter equilibrada por uma vez sequer?*

Então comecei a pensar: Se eu pudesse ter permanecido como antes, será que meu relacionamento com a Shimamura seria diferente? Mais aberto, talvez? Menos... estagnado? Havia tanto que eu não podia controlar em mim mesma... mas, por outro lado, talvez isso fosse parte da experiência humana.

Suspirei. Por algum motivo, eu realmente queria ouvir a voz dela de novo. Eu podia sentir meus tímpanos ansiosos por ela. *Será que eu ligo para ela?* Estendi a mão para pegar o meu celular. *Ah, mas eu também poderia ir vê-la pessoalmente. Eu poderia ir até a casa dela e...*

"...Ah, não, tudo bem."

Decidi não encontrá-la pessoalmente ainda. Não dava para prever o quanto eu poderia me envergonhar dessa vez, e eu não queria que ela mudasse de ideia sobre mim. Em vez disso, eu precisava me dar mais um tempo para me acalmar e organizar meus pensamentos primeiro. Na verdade, talvez isso pudesse esperar até o começo do novo semestre.

Ainda assim, uma ligação rápida não faria mal, pensei comigo mesma, enquanto minha mão estendida finalmente pousava no celular. Eu só precisava dar um passo de cada vez e responder a cada pergunta à medida que surgisse.

Dessa vez, ela atendeu rapidamente.

"Uh, Shimamura?"

“Bom dia!” Ela soou bem mais acordada — e bem mais ela mesma.

Assim que a voz dela chegou aos meus ouvidos, eu me lembrei da última coisa que ela disse antes, e minhas bochechas ficaram quentes. “Oi, bom dia... Você já acordou?”

Ela riu. “Ora, claro. Que hora você acha que é?”

Olhei para o relógio: 10 da manhã. Ela fez parecer que normalmente não estaria dormindo nessa hora, mas, sinceramente, eu facilmente imaginava ela dormindo até o meio-dia.

“Então, o que foi?” ela perguntou.

“Uhh…”

Decidi pular a conversa fiada e ir direto ao ponto. Quanto mais eu falasse, mais provável seria eu trocar os pés pelas mãos.

“Mais cedo, hum…” Eu podia sentir meu coração pulsando na garganta. “Aquela coisa do ‘eu te amo’…”

“Ah, sim, isso. Você já falou, mas obrigada.”

“Não, hum, não é isso que eu queria dizer…”

“Então você não quis dizer isso? Uau. Estou devastada.”

“O quê… Não, eu… Não, não, não! Quero dizer, *você*, não eu!”

“O que sobre eu?”

“Você… você disse que me ama… certo?”

De alguma forma, ela pensou que eu estava falando sobre quando *eu* disse isso para *ela*, e não o contrário. Eu me encolhi e suportei a vergonha que queimava no meu peito.

“…Eu disse?”

“O quê?”

Eu tive a sensação de que talvez ela estivesse me provocando para desviar da própria vergonha. *Ha ha, muito engraçado.* Mas aí o silêncio se arrastou, e percebi que ela estava falando sério. Minha resposta brincalhona desapareceu no ar antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

“Hum… Adachi? Você está brava comigo?”

“Urgh…” Eu engoli em seco. “Não, hum… Quer dizer, não é bem isso…”

“Aha! Então você admite que está brava comigo! Olha, me desculpa — sinceramente não lembro.”

Tentei negar, mas ela me leu direitinho. Mesmo assim, o que eu sentia não era bem *raiva*; eu tava prestes a desabar emocionalmente.. Mas para a Shimamura, era provavelmente mais fácil resumir tudo dizendo que eu estava brava. Honestamente, ela não estava muito errada, e o fato de ela conseguir fazer esses julgamentos rápidos era uma prova de suas habilidades sociais muito superiores. Se eu estivesse no lugar dela, teria hesitado e gaguejado.

“Mas, sério… eu não estou *brava*, mas…”

“Mas?”

Naturalmente, ela logo percebeu que eu tinha mais a dizer. *Ela realmente me entende!* Esse pensamento me fez brilhar de alegria. Mas, claro, eu não poderia simplesmente ficar ali, brilhando.

“Eu… eu quero que você… diga de novo,” eu gaguejei. Para os meus próprios ouvidos, parecia estar pedindo demais. Mas, se ela não se lembrasse, poderíamos sempre tentar de novo. Bem, ok, talvez não *sempre*. Mas, neste caso, ainda havia tempo.

“O quê? Ah, me dá um tempo…” A voz dela mudou, sugerindo que ela tinha virado a cabeça. “Isso é um pouco constrangedor… e, por um pouco, quero dizer bastante…”

“Só… só tenta!”

“Eu não acho que seja tão fácil…”

Animada, endireitei as costas e fiquei aguardando cheia de expectativa. Era a primeira vez que eu pedia para alguém dizer que me amava… ou pelo menos, eu não me lembrava de ter pedido isso aos meus pais alguma vez. Talvez fosse por

isso que o impacto tenha me atingido tão forte na primeira vez. Mas, para mim, a Shimamura tinha permissão para me atingir assim a qualquer momento.

Eu estava tão nervosa que podia sentir minha respiração acelerando. Mas eu não queria soar como uma maníaca pelo telefone, então expirei devagar, tentando controlar minha ansiedade. Depois, prendi a respiração.

“Eu te amo, Adachi.”

A voz dela estava tão calorosa quanto da última vez. Se eu fosse um aquecedor de água, vapor estaria saindo das minhas orelhas agora. *Espera, o “aquecedor de água” realmente importa? Ah, não sei!* Tudo o que eu sabia com certeza era que eu estava derretendo por dentro.

“Na verdade, eu te amo tanto, que as palavras saíram inconscientemente… acho.”

“Q-qual parte?” perguntei, por pura curiosidade.

“O quê?”

“Qual é a sua coisa favorita sobre mim?” Eu me esclareci. Então, ouvi ela pausar.

“Umm… Eu adoro a parte que *não me faz* esse tipo de pergunta! Ha ha…”

Eu pensei sobre isso, mas ainda estava confusa. “Não entendi.”

“Sem sorte, né? Estava até esperando poder escapar da resposta…”

Isso chamou minha atenção. “Então você não tem uma coisa favorita sobre mim?”

“Claro que tenho! Várias! Mas quando você me coloca contra a parede assim, eu preciso de um minuto para pensar na resposta, só isso.”

“Você tem…?”

Ela definitivamente não parecia “precisar de um minuto” para me falar sobre seu chocolate favorito. Se fosse tão difícil responder à pergunta, será que ela realmente me amava?

“E você, Adachi? *Consegue* dizer as coisas que você ama sobre *mim*?”

“Sim. Eu consigo pensar em várias coisas.” *Na verdade, o suficiente para preencher um caderno inteiro.* Porque eu literalmente preenchi um caderno.

“Uau... Isso é realmente surpreendente.”

“O quê? Não, não é.” *Algumas conversas já foram o suficiente para eu sonhar em te beijar, Shimamura. Você é simplesmente incrível.*

“Várias coisas? Sério?”

“Sério. Um monte de coisas.”

Eu conseguia falar com mais confiança sobre a Shimamura do que sobre mim mesma. Ficava claro com quem eu me importava mais.

“Bom, tá. Isso é bom.” Ela parecia bem convencida. “Sabe, tem coisa que a gente só entende quando alguém aponta, e pedir isso pode ser muito valioso.”

Claramente, o conceito fez sentido para ela de alguma forma... mas parecia que ela não ia me dar a resposta, e a distância entre nós me frustrava.

“E agora que estamos juntas, você vai me ensinar quais são os meus pontos bons, né?”

Apesar da minha impaciência, eu conseguia perceber que ela ainda estava disposta a fazer as coisas funcionarem, e isso por si só já era o suficiente para incendiar meu coração. “E-eu vou me esforçar!” Eu disse, animada, cerrando os punhos. *Sempre estarei lá para você.*

“Hee hee! Ok, estou ansiosa por isso.”

“Uh... l-legal!”

Eu vou apontar várias coisas. Confia, você não vai se decepcionar.

Mais tarde, depois que a ligação acabou, meu cérebro ficou mais leve — algo parecido com o afastamento causado pela ansiedade, mas com bordas suaves e fofas. Então, me bateu: *Espera, mas ela não respondeu à pergunta que eu fiz!* Mas eu não estava brava. Se fosse para dizer algo, eu estava continuamente impressionada com as habilidades dela de conversação.

“Hee hee hee hee hee...”

Eu podia ouvir uma risada estranha vindo de algum lugar.

Então eu olhei ao redor do quarto e percebi: era a *minha* risada estranha.

Naturalmente, comecei a rir mais.

***

Eu estava sentada no canto do quarto, com os joelhos abraçados contra o peito. Não conseguia apontar onde estava ou que hora era. Afinal, a maior parte da minha vida sempre foi assim.

Desde a infância, sempre fui péssima em fazer amigos. As outras crianças eram tão inexperientes quanto eu, mas pareciam ter uma sensibilidade natural para as situações sociais de um jeito que eu simplesmente não tinha. Por quê? Eu nasci com uma alma defeituosa? Será que os humanos têm alma, de fato? Se sim, de onde elas vêm?

Se eu herdei isso dos meus pais, poderia jogar tudo nas costas deles? Não, claro que não. Eu era a única no controle; eu era livre para decidir para mim mesma o que constituía uma amizade. Mas, no lugar disso, eu ficava ali, sentada no canto, sem fazer nada. Era assim que eu vivia minha vida… até agora. Dessa vez, eu saí para encontrar a luz do dia, sob o sol nascente.

Hoje era 1º de setembro: o primeiro dia do novo semestre escolar.

Um ano atrás, eu nem sequer fui à cerimônia de abertura. Eu era volúvel e preguiçosa; não ia às aulas, então fiquei para trás. Mas não foi uma perda de tempo, e eu não me arrependia disso. Afinal, foi assim que conheci a Shimamura. Só isso já foi o suficiente para iluminar meu mundo.

Para mim, o 1º de setembro marcava o início de um novo ano com a Shimamura ao meu lado.

Peguei minha bicicleta e fui na direção oposta à escola. Ainda era cedo, e o sol nem tinha nascido direito, mas eu não precisava dele. Logo, estaria com a Shimamura. E, para mim, o sorriso dela brilhava mais forte do que qualquer estrela.